

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

JUAN VICTOR GONÇALVES

**SOU ARTISTA ENQUANTO MEDIADOR?  
SOU MEDIADOR ENQUANTO ARTISTA?  
A MEDIAÇÃO COMO PRÁTICA ARTÍSTICA EM VITÓRIA (ES)  
LADO A**

VITÓRIA  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

JUAN VICTOR GONÇALVES

**SOU ARTISTA ENQUANTO MEDIADOR?  
SOU MEDIADOR ENQUANTO ARTISTA?  
A MEDIAÇÃO COMO PRÁTICA ARTÍSTICA EM VITÓRIA (ES)**

**LADO A**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ananda Carvalho

VITÓRIA  
2018

JUAN VICTOR GONÇALVES

**SOU ARTISTA ENQUANTO MEDIADOR?  
SOU MEDIADOR ENQUANTO ARTISTA?  
A MEDIAÇÃO COMO PRÁTICA ARTÍSTICA EM VITÓRIA (ES)**

**LADO A**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Aprovada em 06 de dezembro de 2018.

**Comissão examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ananda Carvalho  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Julia Rocha Pinto  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Renan Andrade Silva  
Bacharel em Artes Plásticas

*Aos “monitores”, “guias”, “acompanhantes”  
e mediadores.*

*E também à Ana, Rafa, Rê e Lud, por  
compartilharem um sonho que começou com  
vocês.*

## AGRADECIMENTOS

Os primeiros *insights* que tive com uma ideia de processos artísticos atravessados à mediação - “cultural”, “educacional”, etc... – aconteceram mais ou menos em 2015, fora da bolha da universidade, durante o meu estágio por dois anos no Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo (MAES). Entretanto, cumpre admitir que a ideia de se colocar no papel uma parte das experiências que tive enquanto artista-mediador e articulá-las com práticas de outros artistas, mediadores, educadores e uma história da arte ou da educação é algo deste ano. Talvez isso indique um entendimento de que esta pesquisa se monta, desmonta e se remonta num processo interminável, sem começos muito definidos e sem fins, revelando também uma dificuldade em colocar no papel algo que se transforma a todo momento.

Em vista desses aspectos, julgo necessário fazer alguns agradecimentos, mesmo que eu corra o risco de esquecer um ou outro companheiro de jornada.

Primeiro, gostaria de agradecer a Deus e aos meus guias protetores, de Aruanda, das encruzilhadas, das matas e dos mares. Pela proteção de sempre, pela intuição e pelo cuidado para comigo nessa caminhada.

À minha mãe, Jaciara, e meu pai, Marcelo, pelo apoio incondicional e por me ajudarem a perceber que as escolhas definem o que somos. Pela inquestionável liberdade que, diante de todos os preconceitos, me foi dada ao decidir cursar Artes Plásticas, pela proteção que me preparou para este momento. Às minhas irmãs, Ruth e Raquel, pela dificuldade da convivência diária que me faz ser paciente e evoluir.

À Ananda Carvalho, minha orientadora, pelo encontro, pelas conversas, trocas e parceria. Acima de tudo, pela confiança e por ter acreditado tanto nesta pesquisa desde o começo. Afinal, tudo já estava dentro de mim. Bastava só “colocar para fora”.

Aos demais co-orientadores da banca, Julia Rocha Pinto e Renan Andrade, por terem recebido este trabalho com entusiasmo, pelas análises que o darão força e vigor, e por falarem de mediação com tanta paixão, sensibilidade e consciência crítica.

Especialmente às professoras da UFES, Fernanda Paiva, da disciplina *Corpo, Expressão e Linguagem*, e Kiusam de Oliveira, de *Educação nas Relações Étnico-raciais*, pela troca, pela compreensão e pela flexibilidade durante as aulas, ao entenderem meu processo imersivo na escrita deste trabalho como algo necessário.

À terapeuta e amiga Sônia Rodrigues da Penha, pelos conselhos, pelo cuidado e pela atenção que me ajudou a não deixar a peteca cair.

A todos os pesquisadores, referências que contribuíram imensamente para que esta pesquisa ganhasse corpo: pelas palavras, pensamentos e por conduzirem trabalhos tão importantes, instigantes e transformadores com tamanha seriedade, curiosidade e senso crítico. Agradecimentos em especial à: Allan Kaprow (*in memoriam*), Almerinda Lopes, Amanda Aguiar, Ana Luiza Bringuente, Ananda Carvalho, Andrea Fraser, Audre Lorde (*in memoriam*), Carla Borba, Carolina Oliveira, Cayo Honorato, Chimamanda Ngozi Adichie, Cristina Freire, Dayna Leyton, Diogo de Moraes, Fernanda Albuquerque, Graziela Kunsch, Guilherme Teixeira, Iceia Borsa Cattani, Jacques Rancière, Jorge Menna Barreto, José Minerini Neto, Julia Rocha Pinto, Júlio Martins, Luis Camnitzer, Mara Pereira, Marcel Duchamp (*in memoriam*), Maria Lind, Mônica Hoff, Paula Alzugaray, Rachel Pacheco, Rafael Dias, Rebeca Ribeiro, Renan Andrade, Ricardo Basbaum, Sonia Salcedo Del Castillo, Thauany Freire, Valquíria Prates, Vitor César, Walter Zanini (*in memoriam*) e Will Gompertz.

À Lindomberto Ferreira Alves, por me ajudar a encontrar calma e luz meio ao caos.

À Kahren Biancca e Ivone Carvalho, pela ajuda inestimável que salvou este trabalho.

Às equipes do Museu de Arte do Espírito Santo e do Centro Cultural SESC Glória, pela oportunidade de trabalho concedida a mim e por se abrirem ao diálogo e à crítica. Por me fazerem enxergar tais espaços como potências e como uma casa. Por me fazerem compreender que ser mediador é muito mais que estar mediador.

A toda equipe do Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas – MUCANE, pela confiança e abertura. À Rebeca Ribeiro e Jaiara Dias, pelo privilégio do trabalho conjunto e pelo aprendizado mútuo. À coordenadora Thaís Amorim, por enxergar em mim e nesta pesquisa um futuro promissor.

A Charlene Bicalho, por ser mediadora da minha redescoberta enquanto homem negro.

A Dionísio Del Santo e Maria Verônica da Pas, aonde estiverem, por articularem o destino que me levou a cada espaço por qual passei e cada encontro que tive desde 2014.

À Ludmila Cayres, Ana Luiza Bringunte, Rafael Dias, Luca Peçanha e Karenn Amorim, pelo privilégio do encontro e da amizade, pelas risadas, pelos choros, pelos toques e por me reconhecerem.

A todas e todos xs mediadorxs da cidade de Vitória (ES), referências que se tornaram bons amigos ao compartilharem seus incômodos, ansiedades, desejos e alegrias. Em especial à: Amanda Amaral, Anielle Paola, Aýla Lourenço, Beatriz Bueno, Caio Correa, Emanuela Viana, Fernanda Antônia, Franquilândia Raft, Henrique Oliveira, Igor Maia, Izah Cândido, Jéssica Sampaio, João Victor Coser, Joly Mariane, José Waldyr Gomes, Kaíque Cosme, Léa Araújo, Lucas Xavier, Luis Filipe Porto, Nadine Luiza, Natália Farias, Nathália Prates, Renalia Delboni, Renata Rosetti, Rissiani Queiroz, Rosiane Silva e Vanderson Passos.

Ao Centro de Artes e à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por seguramente concederem a mim um espaço de estudo e pesquisa desde 2012.

Por fim, à professora Rosi Mendes, pela coragem e pela dedicação enquanto educadora. E por me mostrar que tudo é possível.

*“[...] o medo da dúvida é por não haver mediação”.*

*(Cayo Honorato, em um dos meus sonhos)*



## RESUMO

Será que podemos entender o mediador enquanto artista? De que formas as práticas em mediação têm se aproximado das práticas artísticas? Esta pesquisa articula-se em duas partes distintas que, entretanto, se conectam: no **LADO A**, faço um relato das experiências que tive enquanto mediador no Museu de Arte do Espírito Santo (MAES), no Centro Cultural SESC Glória e no Museu Capixaba do Negro (MUCANE), em paralelo a minha participação em projetos independentes enquanto mediador e artista; no **LADO B**, apresento um retrospecto histórico da mediação e de uma aproximação de artistas contemporâneos ao campo pedagógico – algo visto de forma expressiva desde meados do século XX e que culmina no fenômeno conhecido como Virada Educacional da Arte ao final dos anos 1990. Comenta-se então, a incidência de práticas experimentais articuladas por mediadores, educadores e artistas no contexto da cidade de Vitória (ES), relacionando-as às iniciativas elaboradas em outros cenários do Brasil e do mundo. Propõe-se então a investigação de um movimento inverso empreendido por mediadores, na compreensão das práticas em mediação enquanto processo criativo, poético e experimental. Na contramão de pressupostos institucionais que designam à mediação uma relação exclusiva aos processos educativos, revela-se uma predisposição ao desenvolvimento de práticas por parte de tais profissionais que (re)pensem a esfera pública e um caráter infiltrativo da mediação, personificado numa noção de *mediador-vírus*.

**Palavras-chave:** Artista-mediador; mediação cultural; arte contemporânea; educação; curadoria.

## ABSTRACT

Can we understand the mediator as an artist? How do mediation practices approaches artistic practices? This research is articulated in two distinct parts that, however, connect: on **SIDE A**, I give an account of the experiences I had as mediator in the Museu de Arte do Espírito Santo (MAES), the Centro Cultural SESC Glória and the Museu Capixaba do Negro, in parallel to my participation in independent projects as mediator and artist; on **SIDE B**, I present a historical retrospective of mediation and an approach of contemporary artists to the pedagogical field - something that has been seen in an expressive way since the mid-twentieth century, and culminating in the phenomenon known as the Educational Turn in the late 1990s. So I try to comment the incidence of experimental practices articulated by mediators, educators and artists in the context of the city of Vitória (ES), relating them to other initiatives elaborated in Brazil and in the world. It is proposed the investigation of an inverse movement undertaken by mediators, understanding the mediation practices as a creative, poetic and experimental process. Contrary to institutional assumptions that designate mediation and its exclusive relation to educational processes, it is a predisposition to the development of practices by such professionals that (re)think the public sphere and an infiltrative character of mediation, embodied in a notion of mediator -virus.

Keywords: Mediator-artist; cultural mediation; contemporary art; education; curatorship.

**SUMÁRIO**  
**LADO A**

|   |    |
|---|----|
| <b><i>APRESENTAÇÃO   LADO A</i></b> .....                                 | 12 |
| <b><i>QUANDO A MEDIAÇÃO TRANSBORDA A “MEDIAÇÃO”?</i></b> .....            | 16 |
| <b><i>QUAIS SÃO AS BRECHAS QUE AINDA NÃO OCUPAMOS?</i></b> .....          | 28 |
| <b><i>O QUE VOCÊ PROCURA ESTÁ COMIGO?</i></b> .....                       | 37 |
| <b><i>UMA COISA SIGNIFICA OUTRA COISA QUANDO MUDA DE LUGAR?</i></b> ..... | 45 |
| <b><i>ONDE O MEDIADOR ANCORA OS SEUS SILÊNCIOS?</i></b> .....             | 57 |

**SOU ARTISTA ENQUANTO MEDIADOR?**

**SOU MEDIADOR ENQUANTO ARTISTA?**

**A MEDIAÇÃO COMO PRÁTICA ARTÍSTICA EM VITÓRIA (ES)**

## **APRESENTAÇÃO | LADO A**

Antes de começarmos, gostaria de dizer algumas palavras.

Relatar a minha história nos círculos da mediação foi um dos desafios que me propus a realizar na pesquisa ***Sou artista enquanto mediador? Sou mediador enquanto artista?: A mediação como prática artística em Vitória (ES)***. Trata-se de uma tentativa, de condensar em linhas nuvens de palavras e memórias soltas que, de muitas formas, se conectam.

Este é o **LADO A**, dedicado à (algumas) experiências que tive na minha trajetória enquanto mediador, educador e artista na cidade de Vitória (ES), entre os anos de 2014 e 2018. Tais vivências tornam-se determinantes para as questões que eu tento responder no decorrer da pesquisa, contribuindo para a construção de um entendimento deste campo de pesquisa no cenário local e de sua relação com a minha vida.

O **LADO A**, apresentado aqui, também não corresponde necessariamente à um primeiro

capítulo do projeto, deixando ao leitor o desafio da escolha de um ponto de partida.

A contextualização histórica de uma aproximação dos mediadores aos processos artísticos é feita no LADO B deste mesmo trabalho, a partir das aproximações dos educadores ao campo da arte. De todo modo, apesar das diferenças, ambas as partes se interligam.

Desde já, elucido que estes relatos de experiência não devem ser lidos ou compreendidos tendo-os em mente como “modelos prontos” de práticas artísticas e experimentais em mediação e educação. Inclusive, acredito que, ao reler essas histórias no futuro, eu perceba que minhas percepções acerca da mediação e do que faz um mediador mudaram. Porque assim como tudo na natureza, estamos todos em plena transformação.

E as nossas próprias percepções não fogem disso.

Como também reforço no LADO B, nem a arte nem os processos em mediação e educação acontecem isolados de seu contexto.

O mesmo vale, portanto, para os projetos descritos aqui, no **LADO A**.

Acredito que esta noção convide-a (o) a reconhecer o lugar onde você se insere, enquanto mediador, educador, professor, artista, curador etc., levando em consideração as particularidades destes espaços no desenvolvimento de práticas emancipatórias e subversivas em educação, mediação e arte.

Tal como deve acontecer em todo relato de algo que já aconteceu, (re)visito memórias, afetos, possibilidades, frustrações, sonhos antigos e sonhos futuros.

Todavia, assumo riscos ao (re)abrir fissuras que, eventualmente, serão ocupadas por contradições, dúvidas, equívocos e uma certa ficção - afinal, muitas dessas lembranças se perdem ou se transformam no caminho.

Por isso é importante reforçar que o que eu trago é apenas uma versão dos fatos, que talvez não correspondam com o que aconteceu exatamente.

Tendo isso em mente, espero que esta pesquisa não seja um entrave na busca pelas outras vozes que compõem essa rede e pelos registros que comprovam que elas, de fato, aconteceram.

A escuta de múltiplas vozes - que convergem e divergem, que se contrapõem e se justapõem - é, pessoalmente, fundamental para isso que eu busco entender enquanto mediação, enquanto mediador e artista. Afinal, como trazido pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie<sup>1</sup>, o perigo das narrativas únicas é sua capacidade de eliminar o *outro lado* da história.

---

<sup>1</sup>. Ver *O perigo da história única*, palestra apresentada por Adichie no TED Global, em 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt#t-23423](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-23423)>. Acesso em 20 nov. 2018.

Quando que, por vezes, não nos pegamos  
tentando eliminar outras vozes na mediação?

E o que fazemos com essas vozes que  
dizemos escutar?

Talvez eu não soubesse responder essas  
perguntas, mas uma coisa é certa: toda  
pergunta implica num movimento; não em  
busca de respostas únicas, mas de novas  
perguntas.

Por fim, acho que este projeto, num todo,  
é uma história das perguntas que me fazem - e  
que eu tenho me feito - desde 2014.

É menos *sobre como* foi - e ainda é - trabalhar  
com mediação e mais sobre como me descobri  
mediador e como mediação e vida se tornaram  
um só.



**juan ~~victor~~ gonçalves**  
primavera de 2018

**QUANDO A MEDIAÇÃO  
TRANSBORDA  
A “MEDIAÇÃO”?**

Museu de Arte do Espírito Santo  
Dionísio Del Santo - MAES  
(2014 - 2016)

Iniciar essa história pelo MAES<sup>2</sup> é, sem dúvida, contar a história do processo de entendimento da equipe de educadores do museu (do qual eu fazia parte) de uma mediação que transbordava a “mediação”. Quando eu ponho “mediação” entre aspas, tem a ver com o sentido no qual o termo é pensado e utilizado - pelas instituições e por nós mediadores -, se resumindo, em perspectiva, ao atendimento ao público espontâneo e forçado. Olhando para trás agora, eu dividiria esse processo em três partes:

\_a primeira parte seria uma espécie de transição, de deixar para trás noções limitantes em mediação e de descobrir que ela é muito mais do que aparenta ser;

---

<sup>2</sup> O Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio Del Santo – MAES é um espaço criado em 1998, localizado no Centro Histórico de Vitória e gerido pela Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). O museu possui um dos maiores acervos de arte moderna e contemporânea do Espírito Santo e desde sua criação tem realizado exposições de artistas nacionais e internacionais, atreladas à ações educativo-formativas que se tornaram referência no contexto da arte e educação capixaba. Atualmente, o MAES é uma das poucas instituições locais a possuir um setor educativo que se articula na proposição de eventos voltados aos diversos públicos que frequentam o espaço.



\_a segunda parte se consolida na parceria entre o Núcleo Educativo<sup>3</sup> e a curadoria da exposição *Modos de usar*:<sup>4</sup> ;

\_e uma terceira etapa, que é o momento em que nós nos descobrimos artistas-mediadores ou começamos a pensar a mediação como uma forma de se colocar: enquanto indivíduos, artistas, educadores, estudantes. Tal compreensão desloca um entendimento de que esse processo se daria apenas como uma prática educativa, assimilando por outro lado questões experimentais, criativas e poéticas dos processos em mediação.

---

<sup>3</sup> O Núcleo de Ação Cultural e Educativa (NACE) é um setor específico do MAES, composto pelos mediadores da instituição. Desde a sua criação, em 2003, o setor tem conquistado espaço à frente de iniciativas importantes no campo da arte, da educação e da mediação cultural, como o *Programa Público de Formação*, que em 2015 contemplou laboratórios imersivos, seminários e minicursos. Ao organizar eventos de formação, debates e propor diálogos com curadorias, o acervo do museu e os públicos que o frequentam, o Educativo tem sido peça fundamental num aprofundamento das discussões acerca da mediação e da arte educação em espaços não formais - como museus e galerias – no contexto capixaba.

<sup>4</sup> *Modos de usar*: foi uma exposição de arte contemporânea que aconteceu no MAES entre janeiro e maio de 2015. Composta pelos artistas Daniela Zorzal, Gabriel Borem, Ludmila Cayres, Piatan Lube, Rubiane Maia e Thiago Arruda - premiados num edital da SECULT-ES – e por artistas do acervo do museu, a exibição teve curadoria de Júlio Martins e foi inspirada no livro *A vida modo de usar: romances* (1978), do poeta francês Georges Perec, e na teoria da Estética Relacional, de Nicolas Bourriaud. Apoiada nessas referências, a mostra buscou, por meio da proposta da curadoria e das ações educativas, outras formas de uso dos trabalhos expostos pelo público, para além de um sentido contemplativo.

A primeira parte é marcada por uma noção de que a mediação não se trata apenas da recepção dos públicos. O pano de fundo que contribuiu para que isso acontecesse foi a mudança de gestão na coordenação do Núcleo Educativo. Como não houve um coordenador interino, nós mediadores tomamos a frente de algumas demandas burocráticas do setor – ainda que por algumas semanas fôssemos orientados e acompanhados por Renan Andrade<sup>5</sup>, coordenador que havia deixado o cargo. Acredito que essa situação nos revelou uma capacidade autogestora do NACE, ou seja, com ou sem coordenador, nós mediadores estávamos aptos à operá-lo.

Claro que, com essa situação, revelou-se também uma conveniência institucional, que diz respeito à precariedade que o nosso trabalho enquanto mediadores é compreendido nas instituições artístico-culturais brasileiras. Afinal, como acontece em várias delas, nós enquanto mediadores-estagiários acumulávamos diversas funções, ainda ocupando um lugar temporário dentro daquela estrutura organizacional.

---

<sup>5</sup> Renan Andrade é educador, mediador e curador. Em suas passagens em espaços institucionais como o MAES e o Centro Cultural SESC Glória, Andrade tem coordenado propostas em artes visuais e educação, elaborando e gerindo projetos educativos e curatoriais. Desde 2015 ocupa o cargo de Diretor do Museu de Arte do Espírito Santo – MAES.

A entrada de Ludmila Cayres<sup>6</sup> como coordenadora do NACE logo em seguida significou uma continuidade dos trabalhos iniciados por Renan na gestão anterior; um passo adiante que representou outro aspecto fundamental característico desse período. Ela - uma artista-educadora que desde 2006 trabalha expondo e participando de projetos em arte e em educação – reforçou junto ao grupo uma visão mais poética e menos formal dos processos em mediação e educação; de que o que estávamos fazendo era algo maior, frisando sempre o caráter coletivo e horizontal das ações promovidas pelo Educativo.

---

<sup>6</sup> Ludmila Cayres é artista, educadora, curadora e produtora cultural. Desde 2013 tem se envolvido diretamente em projetos em arte, educação e mediação cultural. Entre 2014 e 2016, Cayres ocupou o cargo de Coordenadora do Núcleo de Ação Cultural e Educativa do MAES, realizando formações internas da equipe de mediadores da instituição e desenvolvendo propostas educativas voltadas aos públicos, como o *Programa Público de Formação*, que englobava o *Laboratório Criativo de Mediação e Arte*, o *Laboratório da Dúvida* e o *Seminário Experiências de Curadoria em Instituições*.

Estar em contato com essa percepção foi transformador para mim, na construção de que, fosse o que fosse mediação, ela não se dá sozinha, se constituindo enquanto processo colaborativo e horizontal. No grupo, isso reverberou inicialmente na construção da proposta para a Sala do Educativo na exposição *Das Poéticas do Coleccionar - Neyder Fernando Lima*<sup>7</sup> e na concepção do *MAES na Fachada*<sup>8</sup>, ambos em 2014.

---

<sup>7</sup>. A *Coleção Cambiante* foi a proposta de ocupação para a Sala Educativa durante a exposição *Das Poéticas do Coleccionar – Neyder Fernando Lima*, que aconteceu no MAES entre outubro e novembro de 2014. Em diálogo com a curadoria da exposição, a ideia era que envelopes para cartas "mediassem" uma relação com os objetos afetivos que guardamos, convidando os visitantes a inserir neles objetos pessoais que, no decorrer da mostra, seriam trocados por outros objetos de outros visitantes que passavam por aquele espaço.

<sup>8</sup>. O *MAES na Fachada* é uma intervenção que consiste na ocupação da fachada do próprio MAES com a exibição de filmes, curtas e trabalhos em videoarte. Com curadoria conjunta entre eu e a mediadora Aýla Lourenço, a primeira edição aconteceu em 2014 durante o Viradão Vitória e apresentou trabalhos audiovisuais de cinco artistas capixabas presentes no acervo da instituição. Numa busca por estabelecer uma outra relação entre o museu, a cidade e os transeuntes do Centro de Vitória, a ação tem sido agregada a programas educativos de algumas exposições do museu, como a *Modos de usar*.

Eu diria que a segunda parte deste processo se dá no final de 2014 e início de 2015, sendo caracterizada pela parceria entre o Núcleo Educativo e a curadoria da próxima exposição do museu naquela época. Observando esse movimento hoje, parece que vivenciamos uma aproximação das ações do NACE à uma noção de curadoria educativa.

*A Modos de usar:* era uma exposição de arte contemporânea, composta por seis artistas atuantes no Estado e por obras do acervo do MAES, que tinha como eixo curatorial uma noção relacional e de uso dos trabalhos expostos. Em vista das dificuldades financeiras pelas quais atravessava o museu naquele momento, novamente torna-se conveniente à instituição e ao Educativo um diálogo entre curadoria e as propostas educativas da exposição, mesmo que tal parceria não fosse inicialmente almejada na proposta curatorial.

Esse intercâmbio tem o seu ápice na inclusão da Sala do Educativo na expografia da mostra. Ao ser entendida como um espaço expositivo e educativo, minaram-se as separações que colocam arte e vida em lugares diferentes, fazendo com que aquele ambiente se tornasse um território de confluência, de uso e de conflito. Ao inserir naquele espaço obras de arte do acervo ao lado de intervenções dos diversos visitantes que ali passavam, algumas perguntas emergiam: por que ainda destinamos à uma sala específica as discussões e ações educativas de uma exposição ou de um museu? Como entender os processos em mediação em cenários nos quais as fronteiras se borram e se

confundem? Que implicações isso traria no exercício da mediação?

Mesmo com tais questões suscitadas, é necessário fazer uma observação sobre este fato, que coloca em suspeita essa suposta “inclusão” e que precisa ser vista com atentos olhos. A sala onde eram realizadas as ações educativas com os públicos ficava no mesmo pavimento que as salas de exposição. Na *Modos*, esta mesma sala desceu, no térreo, e com menos visibilidade para os visitantes. Se observarmos atentamente, esta mudança para um espaço fora do raio da exposição pode representar um certo isolamento daquela sala educativa que, querendo ou não, demarcava a importância educativa que o MAES tem – e que é, por diversas vezes, ignorado pelas propostas curatoriais que se colocam naquele espaço.

Como visto no LADO B desta pesquisa, as relações entre o educativo e a curadoria têm sido compreendidas por um espectro hierárquico, ou seja, a primeira “traduziria” a segunda. A experiência em *Modos* foi uma possibilidade – mesmo que com seus equívocos – de que, tanto a curadoria quanto as propostas educativas poderiam caminhar juntas e falar da mesma coisa, porém, de pontos de vista diferentes. No final das contas, será que ao mediar também não estamos fazendo curadorias?

A terceira parte desse processo de alargamento conceitual do Educativo do MAES toma corpo alguns meses após o encerramento de *Modos de usar*., na proposição de iniciativas que vão pensar a

mediação de forma criativa e expandida, desdobrando-a em propostas poéticas e ações extramuros.

Ainda num processo dialógico entre educativo e curadoria, algumas investidas em resposta a este câmbio foram experimentadas na exposição seguinte, *TENTATIVAS DE ESGOTAR UM LUGAR*<sup>9</sup>.

A primeira delas foi o *Laboratório de Criação em Mediação e Arte*, orientado pelo educador Rafael Dias. O *Lab Mediação* fazia parte, a princípio, da programação educativa de *TENTATIVAS* e tornou-se um local de encontro, discussão e experimentação de mediadores e profissionais de outras áreas, tanto do MAES quanto de outras instituições do Centro de Vitória, como o Centro Cultural SESC Glória e a Galeria Homero Massena<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> *TENTATIVAS DE ESGOTAR UM LUGAR* foi uma exposição de arte contemporânea, com curadoria de Júlio Martins e que ocupou o museu entre outubro de 2015 e janeiro de 2016. A mostra reunia os trabalhos dos artistas André Arçari, BeatriZanchi, Charlene Bicalho, Gabriel Menotti, Poliana dalla Barba e Sandro Novaes, contemplados pelo Edital Bolsa Ateliê, da SECULT-ES. As propostas curatorial e educativa eram baseadas no livro *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* (1974), de Georges Perec. A partir da pergunta “o que acontece quando nada acontece?”, a exposição fazia um convite ao exercício de observação na intenção de “esgotar” algo ou alguma coisa, de modo que novos lugares e sensações fossem alcançados pelos públicos.

<sup>10</sup> A Galeria Homero Massena - GHM é um espaço de arte criado na década de 1970 e localizado no Centro de Vitória (ES). Gerido pelo Governo Estadual, desde então a instituição tem sido um espaço caracterizado por abrigar propostas expositivas e artísticas de artistas iniciantes.

Além de servir como um espaço de pesquisa - no qual entrávamos em contato com noções acerca da mediação da arte e práticas de outros lugares do Brasil e do mundo - , o *Laboratório* se conformaria como uma espécie de “concentração”, onde discutíamos e planejávamos estratégias de mediação para receber os grupos previstos que visitariam o museu<sup>11</sup>.

Acompanhando em alguns momentos o discurso da exposição em cartaz, que fazia um convite à observação atenta e ao exercício de “esgotamento” – da arte e do objeto artístico, de ideias, de lugares etc. -, as ações do *Lab Mediação*, por sua vez, se direcionavam a um esgotamento dos processos em mediação, o que estabeleceu um terreno propício para que eu começasse a pensar (e eventualmente, experimentar) outras formas de “mediar”. É a partir do *Laboratório* que eu tenho uma primeira noção de mediação enquanto prática infiltrativa, algo que é evidenciado nas práticas em mediação que desenvolvo mais tarde, no Centro Cultural SESC Glória.

---

<sup>11</sup>Vale mencionar que, mesmo após o término da exposição *TENTATIVAS DE ESGOTAR UM LUGAR*, o *Laboratório Criativo de Mediação e Arte* teve continuidade, reforçando seu caráter experimental, extramuros e independente. Entre 2016 e 2017, o projeto foi conduzido pela mediadora-educadora Karenn Amorim ainda no MAES. No ano de 2018, o *Lab Mediação* ocupou a Casa Porto das Artes Plásticas durante o primeiro semestre, ao ser selecionado num dos editais promovidos pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória. Orientado por Amorim e pela artista-educadora Ludmila Cayres, o projeto aumentou o seu raio de alcance, recebendo mediadores e educadores da universidade e diversos espaços de arte e cultura da capital, dando continuidade na discussão e proposições relacionadas a aspectos experimentais da mediação e arte.



Em *TENTATIVAS*, houve duas situações distintas em que essa “noção viral da mediação” tomou forma: a primeira, quando eu, no meio da visita, me apropriei de espaços que não estão nos percursos previstos (no caso, os toaletes do primeiro pavimento do museu) e acabei “incluindo-os” na exposição, dizendo que os banheiros eram obras (“instalações”) que faziam parte da mostra (inclusive endereçando o tal “trabalho do banheiro” à Dionísio Del Santo, artista que dá nome ao MAES); e a segunda, quando eu “interpretei” um turista no meio de uma visita. Esse turista era avesso à arte contemporânea e interagia com o grupo presente, falando em voz alta que o que estava exposto “não era arte”, indagando sobre a real validade do que era apresentado na exposição (“isso até eu faria!”) e provocando risadas e questionamentos entre os próprios estudantes do grupo e a mediadora que os acompanhava.

Nessa época eu estava deveras inspirado pelos trabalhos dos artistas conceituais e da Crítica institucional, especialmente pela performance *Museum Highlights: A Gallery Talk* (1989), da artista estadunidense Andrea Fraser. Esse caráter infiltrativo da mediação é abordado de forma mais aprofundada ao final do LADO B desta pesquisa, quando trago-a como referência, mas cumpre dizer que tive contato pela primeira vez com o trabalho de Fraser no período entre a *Modos de usar:* e a *TENTATIVAS DE ESGOTAR UM LUGAR*, no *Laboratório de Curadoria, Arte e Educação*, que aconteceu no

SESC Glória em 2015, com a participação da educadora-curadora Mônica Hoff e da curadora-historiadora Fernanda Albuquerque. Este evento me virou de cabeça para baixo e transformou tudo o que eu entendia (ou achava que entendia) sobre mediação e arte. Não sei se hoje eu já entendo algo sobre, mas considero que este *Laboratório* foi um dos pontos cruciais no meu desenvolvimento enquanto artista-mediador.

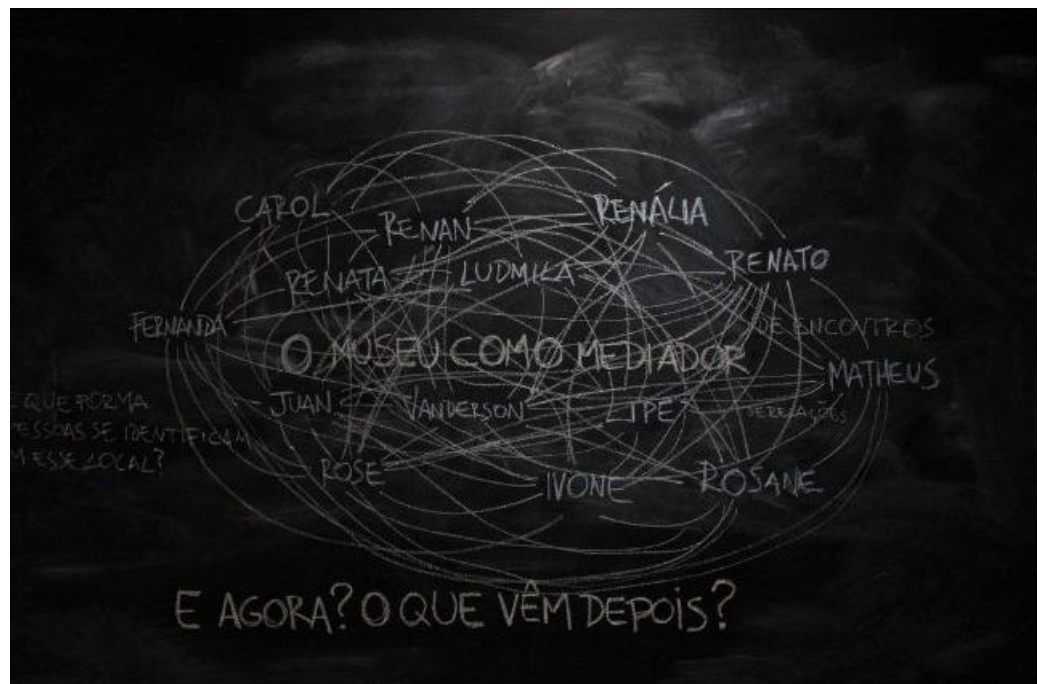
A participação de educadores próximos ao Núcleo de Ação Cultural e Educativa do MAES nesta experiência do *Laboratório* no SESC atravessou algumas das ações do *Lab Mediação*, como a intervenção nos nossos uniformes de mediadores por nós mesmos e a concepção da publicação-revista *NDA (Nuvem de Desejos Atravessados)*, projetos que serão abordados logo mais.

No começo de 2016, meu vínculo enquanto estagiário da instituição se encerrava, ao fim de dois anos de trabalho no museu. Como uma forma de dar continuidade a essa formação profissional, vale mencionar aqui os esforços do Educativo do MAES na proposição de uma Residência Educativa, algo que, até onde eu sei não se efetivou no papel, mas que foi vivenciado de algumas formas, na ocupação de um museu vazio, sem exposições e prestes a entrar em reforma.

Comecei então a pensar a importância que o MAES tinha como um espaço que promovia redes, encontros, contatos... Refletir sobre como o museu era um *mediador* dessas relações tornou-se potência para

despertar um interesse em mim de pesquisar a história de seu Núcleo Educativo, de suas ações e dos mediadores que passaram por ele. No final das contas, essa pesquisa não foi à frente e talvez devo esse desvio a uma crise pessoal, que deve ser comum quando se é mediador-estagiário no Espírito Santo: o que fazer depois que o contrato encerra e não há outros lugares para trabalhar com mediação?

De todo modo, ao observar a forma como as coisas se deram nesses anos e reverberaram em experiências posteriores, na maneira como o MAES me atravessou e me afetou, percebo a mediação como sendo mais que um trabalho. Será mesmo que deixamos de ser mediadores depois que somos “desligados” de onde trabalhamos?



**\_QUAIS SÃO AS  
BRECHAS QUE AINDA  
NÃO OCUPAMOS?**

Centro Cultural SESC Glória  
outubro - novembro de 2016  
maio - setembro de 2017

Relatar a história de minha experiência em mediação pós-Museu de Arte é um tanto quanto divertida, porque o que eu vivi lá no Centro Cultural SESC Glória<sup>12</sup> foi como uma brincadeira de gato e rato, na qual burlar toda aquela estrutura institucional era sempre o ponto inicial para experimentarmos outras formas de mediar que iam contra o que esperavam de nós. Relembrando agora depois de quase dois anos, acho que eu também poderia dividir essa história em dois momentos: um primeiro momento, de mapeamento, estudo e adaptação àquele novo terreno, e um segundo momento, no qual já detectadas as particularidades daquele espaço, eu pude agir como um mediador-educador infiltrado.

---

<sup>12</sup>O Centro Cultural SESC Glória é um espaço de arte e cultura multifuncional, pertencente à Gerência de Cultura do SESC-ES e inaugurado em setembro de 2014. Sediado num edifício dos anos 1930 que abrigava o antigo Cineteatro Glória, o espaço – localizado no Centro de Vitória - foi estruturado para abrigar ações e eventos ligados às diversas linguagens artísticas, como as artes visuais, a dança, a música, a literatura e o teatro, contando com salas expositivas, estúdios de dança e música, biblioteca especializada em arte, salas de teatro e de cinema. Acerca das exposições, desde sua criação, a instituição tem recebido exposições de artistas nacionais e internacionais, perpassando uma preocupação formativo-educativa em cada programa educativo elaborado.

Esse primeiro momento deu-se no final do ano de 2016. Hoje eu percebo como essa experiência inicial me serviu como... um exercício de reconhecimento das brechas e falhas daquela (outra) lógica que concebia o SESC, tão próxima geograficamente do MAES, porém tão diferente. Obviamente essa infiltração era silenciosa e obviamente eu também não tinha noção alguma disso naquela época. Para mim, estar mediador no SESC apenas representava uma retomada aos círculos de mediação e só. E o cenário no qual essa infiltração aconteceu foi a exposição coletiva *Imagem-Passagem: dinâmicas da fotografia em contexto de viagem*<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup>. *Imagem-Passagem - Dinâmicas da fotografia em contexto de viagem* foi uma exposição de fotografias, que aconteceu no SESC Glória entre outubro e dezembro de 2016. Composta por trabalhos dos artistas Bruno Zorzal, Ignez Capovilla, Orlando da Rosa Farya e Tom Boechat, a mostra trazia como proposta curatorial questões relacionadas aos registros produzidos por tais artistas a partir de deslocamentos feitos por cada um deles. O projeto educativo, elaborado pela educadora-pesquisadora Ana Luiza Bringente, propôs aos mediadores e participantes das formações ações que revelavam formas diferentes de como os trânsitos cotidianos nos afetam.

A exposição se encerra ao final de 2016 e retorno à instituição em maio de 2017, na mostra *Sombra Projetada – Dionísio Del Santo*<sup>14</sup> e, nesse contexto eu diria que começou a segunda parte dessa história. Acredito que a proximidade de todos os mediadores com a proposta curatorial e com os trabalhos de Del Santo (afinal, a exposição era uma parceria institucional entre o MAES e o SESC e diversos mediadores que nela atuaram ainda eram ou já haviam sido mediadores no MAES) facilitaram para que eu me sentisse à vontade para desenvolver práticas mais experimentais nas visitas mediadas que aconteciam no Glória.

---

<sup>14</sup>. *Sombra Projetada – Dionísio Del Santo* foi uma exposição que aconteceu no Centro Cultural SESC Glória entre maio e setembro de 2017. Reunindo pinturas e serigrafias do artista capixaba Dionísio Del Santo, a mostra era resultado de uma parceria entre o SESC e o Museu de Arte do Espírito Santo – MAES, que detêm em seu acervo a maior parte da produção do artista. O recorte curatorial – feito pelos curadores Júlio Martins e Renan Andrade - trazia os últimos trabalhos feitos por Del Santo, a partir de um novo olhar sob sua produção, desviando-a de um caráter retrospectivo e histórico. Perceber a natureza do universo do artista, diante de suas particularidade poéticas, geográficas e sensíveis, foi um ponto de partida para as ações educativas da exposição, orientadas pela educadora-pesquisadora Ana Luiza Bringuento.

Durante o decorrer da mostra, outro fator que contribuiu fortemente para essa experimentação foi o contato que tive com trabalhos de artistas-educadores de outros centros culturais durante o CAPSULA<sup>15</sup>, uma espécie de curso independente de formação em arte contemporânea, que acontecia no Museu Capixaba do Negro no mesmo período que *Sombra Projetada*. Várias das reflexões que perpassam esse segundo momento no SESC nasceram no CAPSULA, ao conhecer trabalhos de artistas como Diogo de Moraes, Vitor César e Graziela Kunsch. Dessas discussões, surgiram perguntas como:

---

<sup>15</sup> CAPSULA – *Curso Extensivo em Arte Contemporânea* foi um projeto de formação que ocorreu em Vitória (ES), durante os meses de março e julho de 2017. Viabilizado por um dos editais promovidos pela SECULT-ES, o CAPSULA se desenvolveu em “módulos temáticos” que discutiam aspectos específicos relacionados à arte contemporânea, como processo criativo, curadoria, educação, crítica de arte, atuação dos públicos, espaços independentes e mercado da arte. Com a participação de diversos agentes do sistema da arte local, a proposta culminou em diversas ações por espaços da Grande Vitória e por meio de uma exposição e uma publicação-registro elaborada ao final do projeto.

*“O que o público quer saber de verdade? Será que eles querem saber informações das obras ou sobre a exposição? De que isso serviria na vida dele?”*

*“Públicos são diferentes?”*

*“Fazer mediação é ter o controle da situação?”*

*“Qual o lugar do professor numa visita mediada?”*

*“O que pressupõe uma visita mediada ‘bem-sucedida’?”*

*“Por que, enquanto mediadores, fazemos perguntas às quais já sabemos as respostas?”*

*“Se o artista pode ser educador, o educador pode ser artista?”*

*“O museu é uma extensão da escola?”*

*“Será mesmo que o mediador precisa falar da exposição ou do artista ou do trabalho de arte durante uma visita?”*

*“E se a mediação fosse um jogo, uma brincadeira?”*



Contaminado por tais trabalhos, eu comecei a me interessar menos pelo conteúdo da exposição na qual eu trabalhava e mais por saber de quais lugares os visitantes vinham, qual o interesse delas naquela visita, o que elas tinham vontade de fazer de verdade, sem atrelar a isso questões específicas da exposição. Acho que essa percepção ganha corpo no momento em que eu noto o campo de batalha no qual sempre estamos inseridos enquanto públicos e mediadores dentro das instituições, assumindo papel elementar na construção de noções mais críticas das práticas em mediação a qual nos pegamos acorrentados e que, particularmente, estes espaços esperam de todos nós. Os *jogos de mediação* eram isso: um espaço-tempo de desconforto, de crítica e de brincadeira, numa tentativa de entender que o mediador também é tão público quanto os visitantes.

Naquela época, eu estava muito inspirado pelos trabalhos que o artista-educador Guilherme Teixeira desenvolve em processos educativos e juntos aos públicos, com jogos e objetos que intermediam relações entre as pessoas. Ao mesmo tempo, eu tecia uma relação mais autocrítica da mediação, entendendo-a como algo cíclico – ou seja, que “fazer mediação” é refletir sobre ela simultaneamente. Os *jogos* eram pensados em momentos de ócio, entre turnos, no qual eu ficava sozinho no espaço expositivo, sem a companhia de outros mediadores. Tendo à disposição alguns materiais de oficinas, as ideias surgiram quando eu comecei a pensar

em estratégias de mediação que utilizassem apenas um único objeto - um novelo de barbante, alguns bloquinhos de papel, pedaços de TNT...

*“Como fazer uma mediação apenas com um novelo de lã?”*

A partir de um objeto, eu estabelecia regras que eram colocadas ao grupo e que pudessem disparar discussões, debates, conversas, espaços, tendo em vista que eu pudesse ser “dispensável”. O grupo precisa de um mediador para que seja ativada uma discussão, por exemplo? Como não tornar o mediador o “centro das atenções”? O mediador é desnecessário / dispensável?

Se pararmos para analisar, o objeto de arte já pode ser considerado um mediador, se analisarmos que sua existência estabelece uma conversa, uma “mediação” entre o que o artista pensou na hora de conceber sua proposta e os públicos. Mas hoje eu mesmo discordo de algumas dessas perguntas que fiz, apesar de achá-las necessárias. Acho que a mediação pode ser um meio para disparar situações; situações essas que, na maioria das vezes, não estão sob o controle do mediador (*em algum momento já estiveram?*). Da mesma forma que, para mim, o mediador não seja dispensável, acredito que ele não deva tornar-se invisível numa situação. Mas naquela época, confesso estar bem impressionado com cada uma dessas indagações, porque todas elas me movia a pensar

a mediação de maneira estratégica e subversiva dentro daquela estrutura institucional já dada.

Os *jogos* eram brincadeiras. Eram, a princípio, maneiras de quebrar o gelo, de descentralizar a mediação do mediador, de confrontar a instituição e o que ela espera que a mediação seja e o que nós falemos. Eu acho que uma “mediação subversiva” surge naquele momento em que o *outro* toma certa dianteira da situação. O mediador seria apenas um disparador de outras formas de se relacionar com os espaços e com as memórias e referências que cada um traz em si. Quando são disparadas situações nas quais os públicos se apossam desse lugar não esperado – de co-pensador, de colaborador – colocam-se em xeque os discursos postos pelas instituições, pondo à prova sua real disposição para acolher essas outras vozes. E acredito que seja neste momento que o mediador se torna vírus.

Dentro dessa autocrítica da mediação, começo a me entender enquanto vírus, um *hacker* dentro do sistema, disposto a descobri-lo, criticá-lo e expô-lo em suas deficiências e debilidades. Hoje reconheço que, como o vírus que estudamos nas aulas de biologia, eu tive um tempo para reconhecer o corpo hospedeiro no qual eu estava habitando, conhecendo suas singularidades, seus meios, suas problemáticas, seus pontos fortes e fracos.

Ao usar as vivências no SESC como laboratório para pensar em outras práticas de mediação (e me pensar inserido nelas), compreendi que, em diversas vezes,

separamos públicos e mediador. Se reposicionarmos tais sujeitos dentro de tais estruturas institucionais, que papel eles passariam a ter? Nesse processo, a mediação segrega? Qual a importância do fracasso e da falha na mediação, por exemplo? Será que as instituições, que enxergamos tão contra e separadas de nós, não reproduzem a forma como nos relacionamos e os lugares que ocupamos no mundo? E se eu fizesse perguntas às quais eu realmente não soubesse as respostas?



**\_O QUE VOCÊ  
PROCURA  
ESTÁ COMIGO?**

Projeto *o que você procura não  
está aqui.*

2015 - em processo

*“Será que a arte está para o mundo da mesma forma que a nave da Xuxa  
está para os seus baixinhos, inalcançável?”*

Por muito muito tempo, escrever sobre o projeto *o que você procura não  
está aqui.* correspondeu uma problemática difícil de lidar e superar. Primeiro, por uma  
dificuldade de autodenominação: “artista”. Afinal de contas, por que é tão difícil  
assumirmos essa carapuça? E se eu me considerasse um, será que eu representaria  
todos os estereótipos que temos deste sujeito ou será que eu teria que pensar num segundo  
trabalho que superasse o anterior?

Sempre achei que quanto mais eu tentasse explicar “o trabalho da frase”  
para quem fosse, mais eu o “restringiria” a uma resposta única, anulando assim outras  
possíveis interpretações. Isso me lembra de algo que eu também me deparo em situações  
de mediação: de uma dificuldade em dar respostas.

Mesmo com uma preocupação acerca da documentação do trabalho, ainda assim evitava discuti-lo, sempre fugindo pela tangente, mas a todo tempo observando e me incomodando - e surpreendendo - com o incômodo das pessoas que entravam em contato com ele. Até hoje ainda fico surpreso com o impacto que ela provoca nas pessoas e são os momentos em que eu fico mais feliz, por saber que as respostas nunca estiveram comigo. Mesmo que seja difícil dar respostas, não podemos deixar de persegui-las, entendendo-as como lugares instáveis que podem mudar com o tempo. E relatar isso aqui é um convite para que essa história gere respostas e buscas por novas perguntas.

Para contar a história de como *o que você procura não está aqui*. “surgiu”, é necessário retornarmos ao segundo semestre de 2015. Em contato com uma série de eventos que aconteceram em Vitória e que transformaram a forma como eu via a mediação e me enxergava enquanto mediador, neste período eu enxerguei a possibilidade de se pensar numa poética, como um “artista que trabalha com mediação”. Com o tempo então, eu comecei então a indissociar as práticas em mediação ao compreendê-las como uma produção – em arte e educação – que era pessoal e que se refletia basicamente no uso de palavras e diagramas.

O contato com artistas da Crítica Institucional no *Laboratório de Curadoria, Arte e Educação* e o contato com artistas ligados à arte conceitual, na disciplina de Multimeios, na UFES, foram alguns pontos

fundamentais que atravessaram o desenvolvimento de *o que você procura não está aqui*. Nessa época, minhas maiores referências em arte eram Joseph Kosuth, Andrea Fraser e o brasileiro Ricardo Basbaum (puts, aquele artigo dele, *Migração das Palavras para a Imagem* foi decisivo!).

Nesse mesmo período - entre agosto e setembro de 2015 -, o *Lab Mediação* já estava rolando no MAES, nos preparativos da próxima exposição do museu, *TENTATIVAS DE ESGOTAR UM LUGAR*. Lembro pouco de como tive o *insight* que me levou à frase, mas me recordo que ela já estava na minha cabeça há alguns dias, quando resolvi inscrevê-la como “proposta expositiva” para a Dada Galeria<sup>16</sup>, a ser apresentada entre os dias 20 de outubro e 06 de novembro daquele ano. O nome do projeto era *Está?* e seria a minha primeira “exposição”.

---

<sup>16</sup> A *Dada Galeria* é um dos três espaços de exposição da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – os outros dois são a Galeria de Arte Espaço Universitário – GAEU e a Galeria de Arte e Pesquisa - GAP. Localizada no CEMUNI II, a Dada é conhecida por exibir trabalhos de alunos dos cursos do Centro de Artes e, em 2015, era vinculado a um projeto de extensão da própria universidade.

A referência aos artistas conceituais e da Crítica Institucional e a experiência que eu tinha adquirido lá no MAES como mediador-educador me ajudaram a refletir em como muitas vezes ocupamos os lugares que esperam que ocupemos enquanto educadores, mediadores, artistas etc. Até então, aquele pensamento “transcrito numa frase” ocuparia apenas um espaço na galeria. Mas foram nas aulas de Multimeios que eu percebi que o trabalho poderia tomar dimensões outras, em diversos formatos. Este aspecto foi colocado no texto de apresentação do projeto à disciplina, no qual eu escrevi o seguinte:

*“O projeto “o que você procura não está aqui.”  
é um pensamento transcrito numa frase.*

*[...]*

*Sobre a limpeza do trabalho, acredito que, como eu quero apresentar um ponto de vista, não devo oferecer muitas possibilidades do trabalho possuir firulas que levem o espectador/público a se desviar do conceito. Essa frase pode causar efeitos e impressões diferentes a partir dos lugares onde estiver exposta, podendo ser apresentada em qualquer suporte, possibilitando o uso de diversos materiais para tal. Eu não tenho controle total sobre o seu uso.”*



Dito isso, a frase foi propagada em adesivos vinílicos, pinturas, camisas e marca-páginas, tanto nessa apresentação em sala de aula, quanto na abertura da proposta na Dada. No espaço expositivo vazio, ela ocupava a parede ao lado da saída da galeria e só. Quando a pessoa terminava de assinar seu nome no livro de presença e se virava para “procurar” o que estava sendo exposto, ela dava de cara com a frase plotada na parede. Ainda na galeria, o trabalho teve um outro desdobramento – quase que performático -, no último dia de exposição.

Como no compromisso firmado ao inscrever a proposta para a galeria previa a realização de um “bate-papo com o artista”, aproveitei para criar disso uma situação na qual a frase fosse colocada em “prática”. Acho que o bate-papo também não se deu como o esperado para o público. Como o que cada um procurava não estava na galeria - e isso incluía o próprio artista, ou seja, eu mesmo -, eu não compareci no encontro marcado comigo. Todavia, para registrar que eu (não) estive lá mas que aquela situação era de alguma forma válida, eu redigi um documento, assinado com o meu nome e disponível a todos os participantes que compareceram naquele dia e horário marcados. Nele estava escrito:

“Olá,

*Meu nome é Juan e este documento é para você que provavelmente veio aqui hoje [06/11/2015], na Dada Galeria, para o bate-papo que teria comigo às 15h.*

**o que você procura não está aqui.**

*Atenciosamente,*

*Ass.: Juan Victor Gonçalves | artista-propositor”*

A segunda inserção da frase já se deu no *Lab Mediação*, no MAES, pouco antes de *TENTATIVAS* abrir. Como o tema da curadoria e das ações educativas eram as “tentativas que fazemos para se esgotar algo”, algumas dessas coisas a serem esgotadas eram as nossas práticas em mediação e o uniforme que designava este lugar que nós mediadores ocupávamos. Partindo das reflexões que o *Laboratório* e que a frase *o que você procura não está aqui*. suscitavam, foi proposto então para que cada um de nós pensássemos em frases ou perguntas que pudessem ser estampadas em nossos uniformes, colocando em evidência as manifestações de nossos incômodos e a responsabilidade do mediador desconectada

de sua “suposta” função inicial (de explicador). Novamente, eu faço uma inserção da frase na minha camisa. Além da afirmação trazida por mim, as demais inserções foram: *Você precisa de mim?*, de Renata Rosetti; *Não é o que não pode ser que...*, de Rafael Dias; *Escutador de histórias*, de Vanderson S C Passos; *O que você quer saber?*, de Rosiane Silva; e *Por onde começar?*, de Fernanda Antônia.

Partindo de uma noção de que uma publicação circularia por circuitos de maior alcance, ainda no MAES *o que você procura [...] foi incorporada à minha proposta na NDA (Nuvem de Desejos Atravessados)* em três diferentes idiomas – português, espanhol e inglês. A *NDA* é a primeira publicação-revista pensada inteiramente pelos mediadores da instituição, entre 2015 e 2016.

Nos anos que se seguiram, a frase também apareceu em outras publicações, como no *Zine Mirante* (2016) e no catálogo do *CAPSULA - Curso Extensivo em Arte Contemporânea* (2017). Ainda dentro do *CAPSULA*, em 2017 ela foi apresentada em formato de diagrama, numa exposição coletiva no MUCANE, da 15ª Semana de Museus (IBRAM). Nessa mostra, a frase aparecia meio a documentações, registros fotográficos, publicações onde ela havia sido inserida, além de textos e imagens de trabalhos que serviram de referência, como uma tentativa de evidenciar que uma frase ou um pensamento não surgem soltos no universo.

Mais recentemente o trabalho retornou a um de seus lugares de origem, o Museu de Arte do Espírito Santo, durante uma exposição coletiva na 6ª Edição do *Prêmio EDP nas Artes*. Desta vez eu não sou um dos mediadores da instituição, então entro em contato com novas percepções disparadas pela frase. Exposta em larga escala, a reflexão trazida em proporções maiores torna a afirmação mais incisiva, ainda mais nos dias em que vivemos. O que a sua busca revela sobre você? Se o que você procura não está dentro do museu, onde estaria então? E afinal de contas, do que se está em busca?



**\_UMA COISA SIGNIFICA  
OUTRA COISA  
QUANDO MUDA  
DE LUGAR?**

em processo

Deparei-me com esta pergunta pela primeira vez em 2018, assistindo a um vídeo<sup>17</sup> da educadora-pesquisadora Valquíria Prates falando numa dessas formações da Bienal de São Paulo, na ocasião de sua trigésima edição (2012). Essa mesma pergunta disparou uma proposta de acolhimento num dos exercícios do *Lab Mediação*, que aconteceu neste ano, na Casa Porto das Artes Plásticas<sup>18</sup>, então gostaria de revisita-la, pois eu acredito que ela cria pontes com outras histórias que aconteceram comigo, neste processo contínuo que é ser mediador.

---

<sup>17</sup>.Ver *Seminário Pragmatismo Poético – 23/8 | Parte 12: Valquíria Prates*, palestra apresentada no evento realizado em parceria com a Fundação Bienal e o SESC-SP, em 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=J20ssWOA7UI>>. Acesso em 21 dez. 2018.

<sup>18</sup>. A Casa Porto das Artes Plásticas é um espaço de arte e cultura que está localizado na antiga sede da Capitania dos Portos, no Centro de Vitória (ES). Inaugurado em 1999 na ocasião do 449º aniversário da capital, a instituição acomoda o acervo de obras de arte da Prefeitura Municipal de Vitória e é uma das três que são geridas pela Secretaria Municipal de Cultura (SEMC) – além dela, há o Museu do Pescador Manoel Passos Lyrio e o Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas. Desde então, a Casa Porto tem abrigado eventos e exposições de artistas nacionais e internacionais, sendo notável a visibilidade que tal espaço contribui para a produção artística capixaba.

Apropriando-me de metáforas, às vezes eu acho que a mediação é como a água. E a água significa muitas outras coisas quando muda de lugar: em abundância, causa estragos; em falta, causa aridez. Ela também está em todos os lugares: no nosso corpo, nas chuvas, nos oceanos, rios, lagoas, terrenos... e em nuvens. A água forma mares inteiros, abraça ilhas, gera energia, nutre, alimenta e mata a sede. Assim como a chuva, que forma poças, penetra nas fendas mais banais e provoca infiltrações. Partindo daquele ditado bem conhecido, a mediação se constrói como um exercício de persistência. De tanto bater, acredito que a mediação pode “furar”. Se você me perguntar “o que ela perpassa?”, eu diria que não sei – muros, talvez? Provável que cada um vá ter um entendimento de mediação, enquanto potenciais mediadores que somos. Cada um terá a sua subjetividade, os seus conflitos internos, as suas vontades, respostas não perguntadas e perguntas não respondidas. Mas em nenhum momento acredito que a mediação exista ou aconteça sozinha. Sozinha ela vira vapor e ninguém vê. Entretanto, vapor junto vira nuvem. E nuvem vira chuva. Similar à nuvem de H<sub>2</sub>O, a *Nuvem de Desejos Atravessados* representou um recomeço de ciclo. E como toda nuvem que se precipita e forma novas poças, novos ecossistemas e novos mares, é desse mar de (inúmeras) incertezas e possibilidades que emerge o *MERGULHO: Experiência Imersiva em Arte e Educação*.

Tanto o *MERGULHO*, quanto a *Nuvem* também são, no meu ponto de vista, tentativas de responder à indagação feita no início deste escrito. Quando se “muda” um mediador de lugar, o que ele pode se tornar? Que outros lugares ele pode ocupar e que não sejam só os museus ou centros culturais?

*A Nuvem de Desejos Atravessados* é uma publicação, em formato de revista, concebida por nós, até então mediadores do Núcleo de Ação Cultural e Educativa do Museu de Arte do Espírito Santo – MAES entre 2015 e 2016. Além de mim, a publicação é constituída por trabalhos das educadoras e educadores Carla Borba, Fernanda Antônia, Renata Rosetti, Rosiane Silva, Rafael Dias e Vanderson Passos, como reverberação das questões levantadas no *Laboratório de Criação em Mediação e Arte* e no *Laboratório da Dúvida*<sup>19</sup> acerca dos nossos incômodos e anseios decorrentes de nossas vivências enquanto mediadores. Ao conceber um material que falava sobre mediação sem por isso estar atrelado à estratégias ou questões ligadas à pedagogia, criamos uma plataforma na qual se pensava uma produção em mediação, de forma livre, criativa e poética, para além de uma preocupação formativa-educativa, tão comum nas discussões trazidas pelos materiais educativos de exposições.

---

<sup>19</sup> Conduzido pela artista-educadora Carla Borba, o *Laboratório da Dúvida* aconteceu entre novembro e dezembro de 2015 e era uma das ações previstas no Programa Público de Formação, elaborado pelo Núcleo de Ação Cultural e Educativa do MAES e que também contemplava o *Laboratório de Criação em Mediação e Arte* e o Seminário *Experiências de Curadoria em Instituições*. A partir de uma noção de “dúvida” e “incerteza”, o *Laboratório* propôs a construção de um ambiente de experimentação orientado pelas inquietações artísticas e criativas dos participantes, por meio de ações e discussões disparadas por meio de proposições performáticas e teóricas. Os encontros receberam nomes que eram apropriações de canções interpretadas por Maria Bethânia: o Encontro 01 foi denominado de “Ninguém me peça definições!” e teve a realização do almoço/happening “Quero ser tempestade” no museu; e o Encontro 02 recebeu o nome “Não sei por onde vou e para onde vou!”.



Por meio de frases, desenhos, relatos de experiência e diagramas, a NDA reúne diversas narrativas e poéticas do que seria mediação e o que faz um mediador, a partir dos nossos olhares enquanto tais. Ao mesmo tempo, lembro que em nenhum momento esse protagonismo representou uma busca por respostas únicas. Partíamos do princípio de que esse protagonismo deveria ser dividido, como forma de descentralizar falas e revelar outros sujeitos que fazem parte da realidade da instituição e que poucas – ou nenhuma das – vezes são contemplados pelas contrapartidas institucionais. Dos diversos trabalhos apresentados na NDA, gostaria aqui de destacar um deles, que é o meu favorito, chamado *Entrevistas*, da mediadora-educadora Fernanda Antonia. No desenvolvimento deste trabalho (incluído na publicação em fragmentos), Fernanda articulou conversas com funcionários e colaboradores do MAES que frequentemente são excluídos nos programas educativos e de formação da instituição: os vigilantes, recepcionistas, auxiliares gerais e fiscais de sala.

Na época da entrevista, José Waldyr Gomes era um desses fiscais de sala expositiva nas mostras do MAES. Ao trazer uma fala dele, presente na *NDA*, proponho então uma reflexão acerca desses profissionais que mais estão em contato com os públicos, com as exposições e os trabalhos de arte que os próprios mediadores: não seriam eles também mediadores? Quem seriam os outros agentes da mediação além dos chamados

“mediadores culturais”? Quando nós nos tornamos mediadores? Quantas vezes, como o Waldyr, também não “beliscamos” como mediadores?

**“P.: VOCÊ JÁ SE SENTIU MEDIADOR OU SE CONSIDERA UM MEDIADOR? QUAL A SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO?”**

*J. Waldyr: Ser mediador hoje é questão de bastante conhecimento e estudo, mas eu já tive como falar. Vou falar uma palavra estranha, eu já belisquei como mediador. Dei uma beliscadinha e somente isso. E eu respeito muito a função porque eu sou fiscal de sala aqui em cima e recepcionista, eu respeito até o meu limite. Mas é até interessante ser um pouco, um tempinho, cinco a dez minutos, mediador. Minha relação com o público é recíproca e boa. O público chega e recepciono bem eles. Eles se sentem bem e me passam também tranquilidade na hora de passar as informações para eles. É recíproco e é uma coisa boa.”*

Será que nós, enquanto mediadores, e as instituições não reforçamos hierarquias? Além dos limites institucionais estabelecidos, será possível pensar a atuação do mediador e as reflexões que ele traz fora da instituição ou sem estar vinculado a ela? Quais os limites da mediação – e para se discutir a mediação? E qual é o limite para se tornar mediador?

O *MERGULHO: Experiência Imersiva em Arte e Educação* nasce numa mesa de padaria, ainda em 2017, a partir de reflexões semelhantes. Num coletivo composto por mim e pelos mediadores-educadores Luca Peçanha e Ludmila Cayres, pensamos o projeto como um processo imersivo composto por três etapas distintas, similares às etapas de um *mergulho*: imersão, submersão e emersão. Inscrito, selecionado e viabilizado financeiramente por um dos Editais da Cultura difundidos pela SECULT-ES, o projeto foi executado entre os meses de julho e setembro de 2018, tendo como epicentro o Museu de Arte do Espírito Santo e seu entorno. Cabe salientar que o *MERGULHO* foi um dos primeiros projetos diretamente e exclusivamente ligado a questões mais aprofundadas dos processos em mediação a ser aprovado num desses editais. Coincidência ou não, seu desenvolvimento se deu num ano em que outros projetos<sup>20</sup> que tocavam nas discussões acerca da mediação educativa/cultural/artística também foram selecionados por prêmio de incentivo do Governo, revelando a importância que tal campo de pesquisa tem ganhado no contexto do Espírito Santo.

---

<sup>20</sup> Em 2018, além do *MERGULHO*, vale mencionar as iniciativas do *Percursos e (I)mediações: Laboratório Criativo de Mediação e Arte*, conduzido por Karenn Amorim e Ludmila Cayres e selecionado no Edital de Ações Culturais da Casa Porto das Artes Plásticas, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Vitória; e o *Laboratório de Mediação Crítica em Arte*, com Carla Borba e Ludmila Cayres, realizado dentro da programação do *Cá Entre Nós*, da OÁ Galeria de Arte Contemporânea. O projeto foi selecionado no Edital Setorial de Artes Visuais, da SECULT-ES.

Ao ansiarmos por um deslocamento em relação ao cenário local, convidamos inicialmente o artista-mediador Diogo de Moraes, atuante na cidade de São Paulo, para estabelecer diálogos com outros contextos em mediação e educação que não fosse o nosso. Ao criar pontes e trazer outros olhares sobre questões mais específicas a partir de seu trabalho enquanto artista e educador, pensou-se neste primeiro momento em ações que tinham como base noções de mediação cultural atreladas a práticas de enfrentamento, laborais e documentárias.

Ao imaginar quais as fissuras que existem nas instituições e na cidade, e nas formas de ocupá-las, eu e o artista-mediador Luca Peçanha pensamos em ações que privilegiaram a relação dos participantes do *MERGULHO* com a cidade e seus lugares de origem. Por meio de mapas e exercícios que implicavam num deslocamento, partimos do conceito de “brecha” para propor uma reflexão das práticas de mediação, indagando a relação dessas práticas com o espaço do museu, o entorno e o próprio mediador.

Ao ter a mediação como prática de reconhecimento das hierarquias, hegemonias estruturais e estruturantes da sociedade, a educadora-pesquisadora Mara Pereira abriu espaço para uma discussão acerca da responsabilidade pública dos agentes envolvidos na mediação cultural, trazendo um diálogo entre artes visuais, política e educação. Por meio da elaboração de um protótipo de uma publicação, criamos estratégias para a inserção de tais discussões

em outros circuitos, num exercício de enfrentamento e revisão de espaços como as escolas, os museus e as universidades.

A etapa de (não) encerramento do projeto foi conduzida pelos artistas-educadores Ludmila Cayres e Rafael Dias, que orientaram os participantes no desenvolvimento de um projeto de ação coletiva realizado no último dia das ações. A dupla propôs exercícios que refletiam criticamente a produção gerada nas imersões anteriores, por meio de práticas de registro, curadoria, documentação e criação de dispositivos que nos convocassem a ocupar um lugar de proposição numa ação final – uma exposição-ocupação-registro – que se daria no Salão Expositivo do MAES.

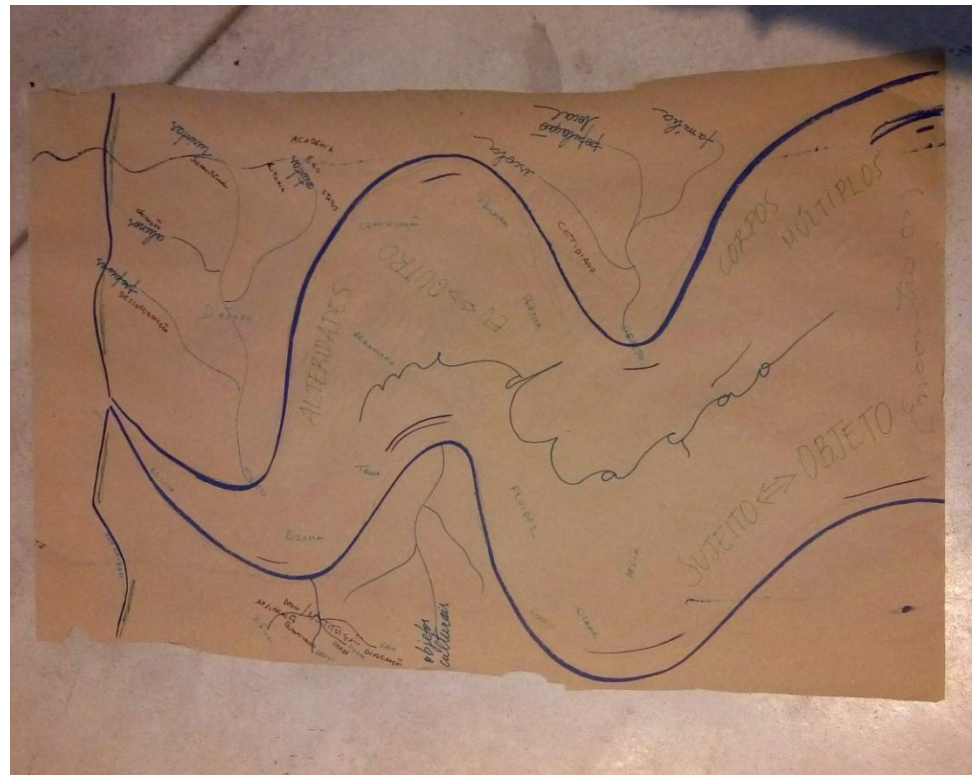
*MERGULHO\_estratégias para emergir*<sup>21</sup> foi o resultado final do projeto.

Aberta durante um dia apenas, a exposição foi a primeira no contexto local pensada e articulada por artistas-educadores-mediadores. Composta por trabalhos aos quais a participação ativa do público era o principal, a ocupação foi uma tentativa de trazer à tona alguns incômodos provocados no decorrer do projeto, questões que perpassavam a nossa relação – enquanto mediadores, educadores, professores, artistas, ... – com a instituição, seus discursos legitimadores e a relação deste espaço com seus diversos públicos, seu entorno e a comunidade que é vizinha. Para além dos uniformes, das salas de aula, das visitas mediadas, o que nós, educadoras e educadores, mediadoras e mediadores tínhamos a dizer? De que forma ocupamos os espaços com o que nós dizemos e somos?

---

<sup>21</sup>. *MERGULHO\_estratégias para emergir* aconteceu no dia 08 de setembro de 2018, no Salão Expositivo do Museu de Arte do Espírito Santo – MAES. A exposição-ocupação-registro contou com trabalhos de: Adriane Nunes, Aislane Martins, Amanda Amaral, Ana Motta, Anielle Paola, Jéssica Sampaio, Lindomberto Ferreira Alves, Maria Eduarda Neves e Rebeca Ribeiro. A ocupação foi organizada em parceria entre eu, Luca Peçanha, Ludmila Cayres e Rafael Dias e a curadoria foi coletiva, compartilhada entre os participantes do *MERGULHO: Experiência Imersiva em Arte e Educação*.

Finalizo este relato com o comentário que surgiu quando mostrei uma primeira versão deste texto para Rebeca, mediadora e amiga que convive comigo lá no MUCANE. Ao terminar de ler, ela me perguntou: “se a mediação é que nem água e, eventualmente, a água causa estragos, qual seria um estrago provocado pela mediação? Me veio [a mente] o dar certo ou errado na mediação. Esse estrago provocado pela água traz experiências também: para lembrarmos de talvez não construirmos uma casa num mesmo lugar com o risco de novos alagamentos... ou para lembrarmos de construirmos nossa casa novamente, mas em condições outras para habitarmos-na. Não seria a mediação então essa casa?”





**\_ ONDE O MEDIADOR  
ANCORA OS SEUS  
SILÊNCIOS?**

Museu Capixaba do Negro  
Verônica da Pas - MUCANE  
março - dezembro de 2018

A pergunta que intitula o meu relato sobre as experiências que tive no Museu Capixaba do Negro nasce de um trabalho da artista Charlene Bicalho<sup>22</sup> - uma série iniciada em 2017 e apresentada por meio de performances e vídeoperformances em diversas exposições desde então. Por meio de ações perpassadas por objetos e elementos de uma simbologia pessoal, Charlene traz à si mesma para a superfície, ao desvelar processos de violência e silenciamento decorrentes do racismo e do machismo, diante de sua condição enquanto mulher preta. Me aproveito então deste trabalho e dos ecos que ele provoca para perguntar: a que silenciamentos nós mediadores também somos/estamos submetidos?

---

<sup>22</sup> Charlene Bicalho é artista visual, produtora e articuladora cultural. Mestre em Administração, desde 2010 a artista tem participado de exposições e imersões artísticas, trazendo em seus trabalhos uma relação entre as questões sociais, étnicas e de gênero que perpassam a sua existência enquanto mulher preta em trânsito. Por meio de trabalhos em performance, pesquisa-ação, fotografias e vídeos, Charlene tem discutido sobre as posições que a mulher negra ocupa na sociedade, as violências advindas do racismo e os processos de cura. Além disso, Bicalho idealizou a plataforma Raiz Forte que, desde 2012, tem desenvolvido trabalhos colaborativos com diversos agentes do sistema da arte do Espírito Santo – artistas, educadores, estudantes etc. -, promovendo diálogos com artistas, educadores e pesquisadores de outros estados do Brasil por meio de intervenções artísticas e educativas afrocentradas.

O MUCANE<sup>23</sup> tem sido a minha “casa” desde março de 2018. Mais do que nunca, este espaço tem me afetado de forma particular, algo totalmente diferente das minhas experiências anteriores, tanto no SESC Glória quanto no MAES. Talvez seja pelo fato deste museu dizer sobre minhas raízes, algo que por muito, muito tempo eu recusei com veemência. E enquanto homem negro, descendente da diáspora africana, que se reconheceu negro ao descobrir (física e psicologicamente) as consequências disso num país que tem o racismo em seu DNA como o Brasil, o Museu Capixaba do Negro é peça chave na minha construção (ininterrupta) de uma consciência racial e duma noção dos privilégios que perpassam a vida e dos lugares de fala/escuta que eu ocupo.

Dito isso, enquanto mediador, tenho me perguntado cada vez mais: de quais formas esse processo de construção afeta nas práticas que desenvolvemos em mediação?

---

<sup>23</sup> O Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas é um espaço de arte, cultura, história e cidadania criado em 1993 e localizado no Centro de Vitória (ES). Atualmente gerido pela Secretaria Municipal de Cultura, a instituição é fruto de uma série de reivindicações dos diversos segmentos dos movimentos sociais ligados à negritude, encabeçados pela médica psiquiatra e militante negra Verônica da Pas, que dá nome ao museu. A partir do projeto escrito por Pas, na qual ela se baseia numa noção de “museu-cidadania” para a criação deste espaço, o MUCANE têm sido desde então uma referência na luta antirracista e na preservação das tradições e manifestações culturais e artísticas de negras e negros capixabas. Além disso, cabe salientar que suas ações também perpassam uma preocupação na conscientização e cuidado da população negra, reforçando a autoestima e as prioridades desta grande parcela da sociedade.

A experiência em mediação no MUCANE tem nos dito muito sobre um caráter relacionado à uma responsabilidade social e política das ações que desenvolvemos lá. Ao trazer uma história que não está registrada ou aparente na cidade, na televisão, nos livros didáticos, a mediação lá ocupa uma função afirmativa e combativa, entendendo que a história de negras e negros é necessária de ser contada, de maneira a conscientizar e sociabilizar os públicos, tendo os negros sob um espectro positivo e, acima de tudo, demarcando a nossa existência. Se de um lado não podemos ignorar a questão do racismo e do sequestro de africanos para a América, por outro não partir da escravidão para falar de nossos ancestrais perpassa uma preocupação institucional. Por que quando falamos de África, nós os voltamos aos pouco mais de 400 anos de escravidão afro-atlântica?

Enquanto “museu-cidadania”, pensa-se o MUCANE como um espaço referência na construção da autoestima de uma população constantemente silenciada e violentada de diversas formas. Essa noção, criada pela médica, militante e criadora do museu Verônica da Pas, tem base no cuidado e na manutenção da pluralidade que é ser negra e negro, refutando automaticamente um entendimento colonizador e eurocêntrico do museu como um lugar de pilhagem, um espaço “para se guardar coisas”. Diante disso, o que se tem guardado de negras e negros então?

Ao mesmo tempo, toda a importância dada a essas discussões provoca um choque com meu processo de construção de

identidade. Eu chamaria isso de *problema contraditório da mediação*. Ao esperarem que os mediadores se tornem um baú de histórias não contadas antes sobre os nossos antepassados, é sempre eminente o risco de cairmos em discursos pré-estabelecidos, que nos mantém em zonas de conforto e reaproximam o nosso trabalho da função de um guia turístico. O que, afinal, se espera de nós, enquanto mediadores-educadores do Museu do Negro? Será que ocupar este lugar nos obriga a sermos profundos conhecedores da história de África? Será que ser mediador num Museu do Negro obriga-nos a nos apropriarmos de signos e objetos de origem africana – como se demanda recorrentemente em algumas visitas que saibamos tocar instrumentos, como atabaques -, mesmo que não tenhamos nenhuma relação com tais objetos? Por que é tão difícil assumir o “não sei” num espaço como este?

Talvez uma resposta para isso esteja no fato de que “não saber” é uma contribuição para o esquecimento de narrativas que sumariamente tentaram ser apagadas na história do mundo. Entretanto, ao estar mediador no MUCANE, percebo que o ser negro engloba muitas coisas, que é uma condição plural. É preciso saber tocar tambor ou usar turbantes, por exemplo, para se afirmar enquanto tal? Eu acredito que não. Por isso tenho para mim que a mediação está ali, presente, como exercício de negar a existência de uma forma única de ser (negro) no mundo. Porque somos sempre muitas coisas.

O desconhecimento da história das práticas educativas naquele espaço também é algo que atravessa todas essas experiências na instituição. O Educativo existe desde 2017 e ainda não há uma documentação que formalize a existência de um setor educativo propriamente dito. Nesse contexto, como dar corpo a essa estrutura? Qual o papel do mediador na criação de tais estruturas institucionais? Será que podemos entender esse trabalho como uma das formas de mediação? Nos momentos em que o trabalho do mediador trata de aspectos internos burocráticos, será que deixamos de ser mediadores?

Na (re)construção das histórias de nossos ancestrais, sinto que acabamos nos esquecendo das nossas e talvez isso reflita no fato do educativo do MUCANE ser algo recente. Nos apoiamos na tradição africana da oralidade, mas o tempo todo me pergunto se, de fato, nós entendemos essa tradição para a construção da nossa história e da história daquele espaço. Compreendendo que a oralidade, tão característica dos nossos ancestrais como forma de transmitir histórias e saberes, está nos discursos institucionais, também me indago: por quantas vezes não nos apoiamos no “discurso” da oralidade para justificar o descaso com o qual tratamos e deixamos de registrar a nossa história?

Imaginar outras perspectivas tem feito parte da construção dessa história a ser contada e documentada. Na busca por questionar a zona de conforto que o MUCANE representa ao se assemelhar a um quilombo – ou seja, um local seguro em que se é permitido

ser negro em toda sua integridade e pluralidade -, temos desenvolvido nesses últimos meses propostas fora dos muros do museu, como tentativas de romper com um isolamento recorrente entre a instituição e a cidade. Ainda que nem todos acessem este espaço – por mais que se queira -, perpassa nessas ações a ideia de que a cidade é um organismo muito maior, de maior alcance, cabendo refletir então como a mediação pode se inserir em contextos extrainstitucionais. Como também discutirmos aspectos ligados à negritude e ao racismo em espaços outros que não estão protegidos pelas redomas da militância?

Exemplo disso foi uma imersão que eu e Rebeca Ribeiro [também mediadora-educadora do MUCANE] propusemos em setembro de 2018, denominada *Afrocentridades e Mediação Cultural: se (re)conhecer para florescer*. Por meio de percursos pelo Centro Histórico de Vitória e ações que visavam confrontar os lugares de fala de escuta e de privilégios que ocupamos, éramos orientados pelo seguinte questionamento: onde estão os negros e negras na cidade?

A partir da estátua da Dona Domingas<sup>24</sup> - uma representação de uma mulher, negra, catadora de papel - aos pés do edifício central do Governo do Estado – o Palácio Anchieta -, realizamos práticas de reconhecimento e caminhadas a fim de entender quais lugares ocupamos nos lugares que habitamos. Que outros lugares nós gostaríamos de estar neles? Talvez isso justifique a necessidade de ainda demarcarmos a existência de um museu dedicado à memória afro brasileira e africana.

Como já mencionado anteriormente, enquanto mediadores também exercemos muitas outras funções na instituição. Na tentativa de dar corpo a um setor inexistente, além de recebermos grupos, somos os “caçadores de agendamentos”, somos produtores, pensamos conceitualmente propostas de formação e estamos, sobretudo, sendo visados. Como nos é frequentemente dito, nós é que estamos no *front*, o tempo todo. E no MUCANE essa colocação toma contornos mais dramáticos, quando presenciamos racismos e quando o racismo incide sobre nós.

---

<sup>24</sup>. Dona Domingas era uma importante figura conhecida na região de Santo Antônio, bairro de Vitória (ES), durante meados do século passado. Ela era conhecida por percorrer as ruas, diariamente, catando papel, carregando consigo um grande saco e um porrete de madeira. A escultura que existe em sua homenagem foi feita na década de 1970 pelo artista italiano Carlo Crepaz, que na época, residia na capital. Localizada ao lado da escadaria que dá acesso ao Palácio Anchieta, consta que, segundo o prefeito da época, a escultura era uma homenagem ao trabalhador negro.

Entender as práticas em mediação no Museu do Negro é compreender que aquele espaço por si só já nos atravessa, para além de uma exposição ou de um evento específico. Ao desvelar opressores e formas de opressão, revelam-se também os lugares onde o racismo se materializa em nossos corpos, na sociedade e na história da humanidade. Nem sempre é possível “separarmos” as coisas. Da mesma forma que eu acredito que sejamos mediadores em tempo integral, ser negro não é algo que se deixa de ser ao trocar de roupas. Ter em mente que este espaço influencia na minha saúde e na de todos que ali trabalham me dá uma noção de que a cura pode ser encontrada no coletivo que compõe aquela equipe, num abraço, numa mediação, numa conversa ou numa escuta.

Na maioria dos casos, a mediação assume um papel combativo, na qual o confronto é inevitável. Apesar de, eventualmente, surgirem alguns visitantes que nos causam desconforto e que não fazem questão de esconder seus racismos e privilégios, por outro lado os conflitos surgem no contato com as escolas e com a forma como este espaço se conforma ainda hoje a sociedade: escolas enquanto prisões que controlam mentes, corpos e produzem hierarquias.

Outro exemplo disto é como as escolas trazem o castigo como base de suas práticas educativas. Assumindo sentidos outros, num espaço como o MUCANE o castigo tem conotações históricas. Tenho para mim que sempre cabe a nós, mediadores, ignorar



ou não quando isso acontece, quando presenciamos ou quando também reproduzimos tais práticas. Será que intervimos quando vemos? Como agirmos? Qual o papel do mediador e das instituições diante disso?

Me recordo agora de uma das (várias) experiências que tivemos no museu, na qual presenciamos uma situação de dominação entre uma professora e uma aluna. Era um grupo de escola pública, de crianças do sexto, sétimo ano mais ou menos... A visita corria tranquilamente, até eu e Rebeca percebermos que, enquanto a maioria dos alunos corria e brincava pelo museu, uma das professoras que os acompanhavam punia uma das estudantes num cantinho escondido, isolada dos demais. A situação me lembrava uma daquelas aquarelas que o Debret fazia na época da Missão Francesa durante o Brasil colônia. Era comum nesses trabalhos vermos negros estarem na condição subalterna de escravizado, em situações de completa inferioridade.

Impactados com tal cena, resolvemos então nos aproximar da estudante e trocar uma ideia, numa tentativa de desfazer a distância que o castigo implicava. Ali eu entendi que, enquanto mediadores, não poderíamos reproduzir a distância que a sociedade nos impõe na forma de racismos, LGBTQ+fobias, machismos e intolerâncias. Ao perceberem a situação, os demais presentes no grupo se aproximaram de nós e ali conversamos sobre a importância de um espaço como o MUCANE,

de uma forma imprevista – e sem precisar falar da exposição em cartaz.

Ao voltar para o começo deste relato de experiência no Museu Capixaba do Negro, lembro do quanto eu me silencieei quanto a me reconhecer enquanto negro. Curiosamente, o trabalho de Charlene foi um marco até nisso, ao revelar muitos anos antes uma história e uma raiz que eu recusei. Em 2015, eu era mediador no MAES e Bicalho era uma das artistas expositoras na mostra *TENTATIVAS DE ESGOTAR O LUGAR*, com a instalação *Adaptação/Margens de Ti*, trabalho no qual a artista construía uma epopeia a partir de sua vinda para o Espírito Santo, narrando sua descoberta enquanto mulher negra por meio de seu cabelo, da coleta de mechas de cabelo de conhecidos e por objetos simbólicos ligados ao candomblé. Recordo-me do quanto era incômodo mediar este trabalho. Lembro-me do sentimento de rejeição que eu sentia diante de algo que, naquele momento, não fazia sentido para mim. Seria a mediação uma forma de reconhecer nossas recusas, nossos medos, nossos desejos?

Enxergar a mediação como prática de reconhecimento – de quem sou, de quem nós somos, das escolhas que tomamos e dos silêncios que nos são impostos – tem mostrado outros caminhos possíveis para entender quem eu sou quando me silencio, quem eu sou quando falo. Onde nós temos ancorado os nossos silêncios? Que silêncios nos são impostos? Que silêncios lhe são

impostos? Que riscos corremos ao falar? Será que ficaremos calados para sempre?

